

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Realizadoras Britânicas: do Esforço de Guerra ao Free Cinema (1940-1964)
17 e 25 de Junho 2026

FAIR RENT / 1947

Um filme de Mary Beales

Realização e Argumento: Mary Beales / Direcção de Fotografia: Wolfgang Suschitzky / Com: Norrie Williamson (Fraser).

Produção: Data Film Productions – Aberdeen Rent Tribunal / Produtor: Donald Alexander / Cópia digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 11 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

THE HAPPY FAMILY / 1952

Um filme de Muriel Box

Realização: Muriel Box / Argumento: Muriel Box e Sydney Box, baseado numa peça teatral de Michael Clayton Hutton / Direcção de Fotografia: Reginald H. Wyer / Direcção Artística: Cedric Dawe / Guarda-Roupa: Dorothy Sinclair / Música: Francis Chagrin / Som: Maurice Askew e Peter Birch / Montagem: Jean Barker / Interpretação: Stanley Holloway (Henry Lord), Kathleen Harrison (Lillian Lord), Naunton Wayne (Mr. Filch), Dandy Nichols (Ada), John Stratton (David), Eileen Moore (Joan), Shirley Mitchell (Marina), Margaret Barton (Anne), George Cole (Cyril), Miles Malleon (Mr. Thwaites), etc.

Produção: London Independent Producers / Produtores: Sydney Box e William MacQuitty / Cópia digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 86 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Fair Rent, uma curta-metragem de promoção institucional, é um bom exemplo daquilo a que Ken Loach chamou, no seu documentário de 2013, “the spirit of ‘45”, o “espírito de 1945”: a dinâmica de solidariedade social (dir-se-ia mesmo “socialista”) que tomou conta da política britânica, ou mesmo, e dizendo de maneira mais abrangente, da sociedade britânica em geral, nos anos que se seguiram à conclusão da II Guerra Mundial. Acontecimento que, naturalmente, levava ao limite a resistência social e económica da população, que precisava de ser recuperada através de medidas firmes de apoio aos elos mais fracos da cadeia. Uma dessas medidas – o objecto do filme de Mary Beales – foi a criação de “tribunais de renda”, instâncias de arbitragem de conflitos entre proprietários e inquilinos, a que estes últimos podiam recorrer quando postos perante situações – aumentos desproporcionados ou injustificados da renda da casa, por exemplo – que sentissem como um abuso de poder do proprietário. **Fair Rent**, filmado em Aberdeen, na Escócia, e produzido por encomenda do “tribunal de renda” dessa cidade, evoca as virtudes da medida seguindo um caso particular, uma ficção “representativa” dada em tom de relato documental, de conflito entre inquilino e senhorio. É um filme rápido e claro, com um didactismo confiante, certo de estar a defender a posição justa. Esta Mary Beales que dirige o filme será das mais misteriosas de todas as

realizadoras britânicas focadas neste ciclo, com uma filmografia reduzidíssima que não chega a meia-dezena de títulos, todos, presumivelmente, feitos em âmbito semelhante a **Fair Rent**. Na fotografia, por outro lado, está uma pequena celebridade, Wolfgang Suschitzky, judeu austríaco exilado no Reino Unido desde os anos 30, e oriundo (grande colaborador de Paul Rotha, sobretudo) bem do centro do movimento documentarista britânico desses anos.

The Happy Family liga-se bem a **Fair Rent**, porque ainda estamos no élan dos anos do pós-guerra, mas o registo é, naturalmente, bastante diferente. É uma obra do casal Box, Sydney e Muriel, que há muitos anos colaboravam na escrita de argumentos, frequentemente para filmes produzidos por Sydney Box, que esteve muito tempo à frente de uma das principais produtoras britânicas da época, a Gainsborough. **The Happy Family**, que coincidiu com a época em que Box se tentava estabelecer como produtor independente, foi a primeira obra concebida essencialmente “em casal”, com Muriel e Sydney a assumirem todas as principais tarefas criativas, argumento, produção e realização (Muriel Box estreara-se como realizadora de ficção pouco tempo antes, num filme com que o marido nada teve a ver, e fazia com **The Happy Family** o seu segundo filme nessa função).

The Happy Family está muito próximo, na forma e no espírito, das célebres comédias da Ealing, declinações semi-caricaturais e semi-idealistas de uma “britishness” popular e muito londrina, bairrista até; filmes que, para os ingleses, sobretudo para os ingleses de Londres, têm um estatuto aproximável ao que para os portugueses têm as comédias lisboetas dos anos 1930 e 40, versões bonacheironas de um mundo que nunca terá realmente existido *assim*. O que existia ao tempo de **The Happy Family**, e que faz o seu fundo narrativo, era o movimento de recuperação e renovação urbana de Londres, rumo a uma modernidade simbolizada na zona do South Bank Festival, que por esta altura foi totalmente remodelada para acolher uma grande exposição, o *Festival of Britain*. A casa dos protagonistas (os Lords, uma ironia até demasiado evidente...) fica no caminho de uma estrada que se está a construir para chegar ao Festival, pelo que se lhes exige que abandonem a sua casa e sejam transplantados para outra zona de Londres. Mas eles batem o pé, e o filme é isto, a exploração dessa renitência teimosa e levada até às últimas consequências, numa série de episódios cómicos e cada vez mais exagerados – antes do desenlace “milagroso” a coisa já estava a atingir proporções de operação militar. E não é por acaso, porque subliminarmente, sem que nada o explicita pelo menos muito abertamente, a situação dos Lords reproduz a resistência insular que foi a da Grã-Bretanha durante a II Guerra Mundial, de memória ainda muito fresca em 1952, como é óbvio. E a resistência e a teimosia dos Lords reproduz, no fundo, a resistência e a teimosia durante os anos do “blitz”, que em certo grau é a questão subjacente: de que valeu resistir, sujeitar-se aos bombardeamentos alemães durante anos, aguentar os estragos e a destruição nas ruas de Londres, se depois são as próprias autoridades a *destruir* as casas dos londrinos?

Todo o movimento do filme, que se adivinha desde cedo, vai na superação desse entroncamento entre a memória e a exigência da modernização: como ficar com os dois mundos, como conciliar o estoicismo popular e as maravilhosas promessas de uma Londres moderna? Tudo se resolve numa espécie de passe de magia, magia “burocrática”, e como o espectador verá tudo se conclui com os Lords a gozarem a sua casa e o Festival.

Luís Miguel Oliveira